

Causa do Povo



Jornal da União Popular Anarquista - UNIPA

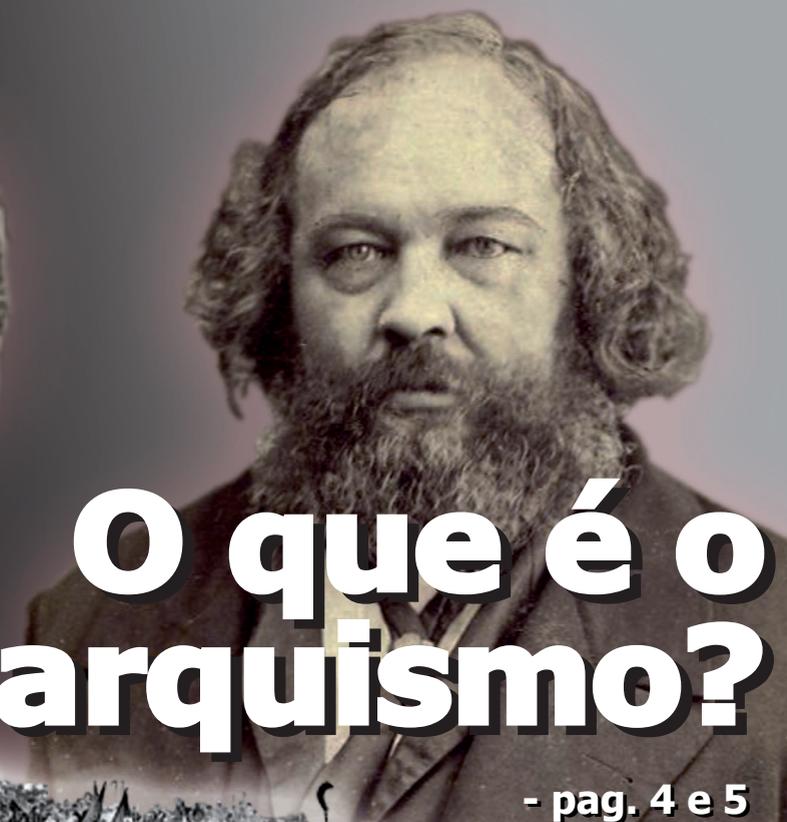
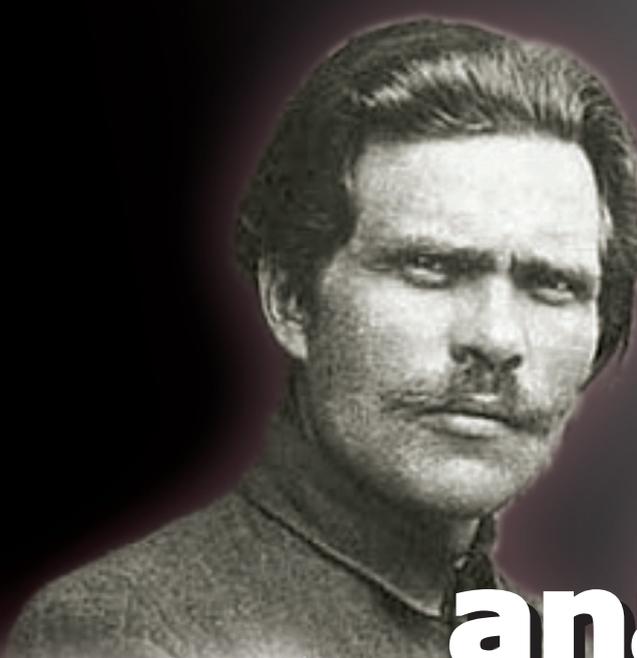
Edição Nº 69

www.uniaoanarquista.wordpress.com | unipa_net@yahoo.com.br

Novembro de 2013

VIVA O ANARQUISMO REVOLUCIONÁRIO

**CONSTRUIR O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO BAKUNINISTA!
PREPARAR A INSURREIÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA!**



O que é o anarquismo?

- pag. 4 e 5



Nesta edição

- A greve das redes públicas de educação do Rio de Janeiro (p. 2)
- Greve Geral: estratégia contra o Estado e o capitalismo (p. 3)
- Em defesa dos black blocs: ampliar as táticas de resistência (p. 6)
- Resgate dos cães beagles: uma ação anticapitalista (p. 7)
- Síria: guerra civil e intervenção imperialista (p. 8)



“A liberdade sem o socialismo é o privilégio e a injustiça; o socialismo sem a liberdade é a escravidão e a brutalidade” Mikhail Bakunin

A greve das redes públicas de educação do Rio de Janeiro - 2013

As greves da educação no estado do Rio de Janeiro em 2013, tanto na rede estadual quanto na municipal, representaram um acúmulo de luta e de reflexão para esses trabalhadores quanto a necessidade de organização e a relação da base dessa categoria e seu sindicato, o Sepe-RJ.

1. A precarização das condições de trabalho nas escolas públicas

Se utilizando de um discurso de melhorias na rede, através de bônus, auxílios etc., os governos camuflam a verdadeira intenção de sua política educacional que é privatizar, arrochar os salários e precarizar as escolas. Políticas neoliberais e desenvolvimentistas.

Os profissionais de educação não só sofrem com os baixos salários, mas enfrentam altas jornadas de trabalho, situações de periculosidade e insalubridade (violência escolar, urbana e falta de infraestrutura das escolas). Essa precarização das condições de vida dos docentes também afeta os alunos. Os estudantes em sua grande maioria têm uma educação precária que os prepara para ocupar uma condição de trabalhadores precarizados do comércio e dos serviços ou de subempregados. Na grande maioria dos casos, serão integrantes do proletariado marginal urbano.

Por fim, as escolas vêm sendo geridas de forma autoritária e existe um processo de intervenção no trabalho do professor que visa reduzi-lo apenas a um executor de tarefas de avaliação, de maneira que o espaço de liberdade e autorealização têm sido expropriados e mercantilizados. A dimensão pedagógica da greve explícita a contradição de que o capital tenta reduzir o trabalho e alienar o professor. Ele impõe que os alunos tenham conhecimentos cada vez mais esquemáticos.

Por isso, as reivindicações eram reajuste salarial de 20% para a rede estadual, plano de cargos e salários da rede municipal e a luta contra a precarização (redução do número de alunos por turma, trabalho em uma só escola, 30 horas de trabalho para os demais profissionais, fim das políticas de gratificação e fim do Saerj).

2. A luta contra a burocracia do sindicato

Os trabalhadores da educação não enfrentam somente a ação dos governos e de seus aparatos repressivos, enfrentam também o peleguismo no interior do Sepe-RJ, que se expressa dentre outras práticas pela desconstrução das greves nas redes municipal e estadual. Todo o trabalho feito pela direção para desconstruir qualquer possibilidade de ato unificado e real combate aos governos neoliberais do Rio de Janeiro. As propostas de unificação do movimento vinham sempre dos comandos de greve e da base nas assembleias.

Entre elas, a mais grave foi o caso da caravana a Brasília, para acompanhar a audiência no Supremo Tribunal de Justiça no dia 22 de outubro. Segundo deliberação da assembleia, a direção do Sepe-RJ deveria disponibilizar ônibus para que os trabalhadores da educação pudessem acompanhar a audiência de conciliação. Foi aprovada também a participação de representação de base indicada pelo Comando de Greve da categoria para acompanhar a audiência.

A bandeira aprovada para o ato em Brasília foi: "Em defesa da educação pública! Contra a criminalização dos movimentos Sociais! Pela libertação dos presos políticos!". Entretanto, a direção do Sepe-RJ impediu a participação dos familiares dos presos políticos ou qualquer outro movimento, assim como companheiros que não eram sindicalizados.

Já a decisão de levar a representação da base na audiência foi alterada na reunião da diretoria do sindicato.

A intenção foi destruir um ato nacional numa conjuntura de mobilizações feitas em vários estados do Brasil em solidariedade ao movimento grevista do RJ. Ao fazer isto, a direção do sindicato acaba colaborando com o governo. Daí a necessidade de se combater o governismo, o peleguismo e o colaboracionismo que assolam o sindicato. A luta contra a burocracia sindical vem sendo feita pelos setores de oposição, especialmente aqueles organizados pela Oposição de Resistência Classista (ORC).

No final de outubro, a maioria da categoria votou pela suspensão das duas greves. Muitos tomaram essa decisão em virtude do esgotamento depois das batalhas contra o autoritarismo de Paes e Cabral e contra a burocracia sindical. Todo esse processo deixou importantes lições. Uma delas é a necessidade urgente da reorganização e de ruptura pela base com a burocratização. O antídoto contra a burocratização é bem conhecido da classe trabalhadora: organização pela base, luta contra o corporativismo e estratégia da ação direta.

3. A jornada de lutas de junho e a greve de massas da educação

As greves das redes públicas de ensino do Rio de Janeiro possuíam todas as possibilidades para a construção de uma greve de massas: categoria numerosa, envolvimento do movimento estudantil, incorporação das famílias dos estudantes, apoio da população em geral e, considerando o contexto da luta de classes de 2013, a mudança da conjuntura política provocada pelas jornadas de lutas de junho.

Entretanto, existem obstáculos para o salto de qualidade das

greves da educação: 1) a precarização e o sucateamento das redes públicas; 2) a burocratização e o corporativismo da direção sindical; 3) os espaços temporários de organização, os "fóruns de lutas", criados a partir do levante popular de junho, ainda não se enraizaram nos locais de trabalho, estudo ou moradia. Esses obstáculos impediram a superação da condição de desorganização estrutural dos trabalhadores da educação.

A história da greve da educação pública do Rio de Janeiro pode ser utilizada como um grande exemplo, pois a atuação dos setores de oposição mostrou que é possível a construção de uma greve de massas. Num primeiro momento a direção do Sepe-RJ rechaçou a participação e apoio dos Black Blocs e dos setores combativos até o mês de setembro, além de se recusar em organizar a ação direta e o protagonismo massivo das bases. A sabotagem da ação direta ficou evidente com a ocupação da Secretaria Estadual de Educação, no dia 04 de setembro, quando o Comando de Greve conseguiu organizar a ação, mas teve que travar uma luta ideológica e organizativa contra a direção do sindicato.

Num segundo momento, a partir dos atos de outubro, essa situação se modificou: os conflitos da categoria com o Estado conseguiu levar o debate da autodefesa para as bases dos professores. Nesse sentido, a greve e as passeatas possibilitaram uma convergência entre as formas organizativas produzidas pelo levante popular de junho e as lutas sindicais. Entretanto, essa convergência aconteceu de maneira tardia, por isso, foi insuficiente para garantir a vitória do movimento grevista.

A categoria não conquistou as reivindicações desejadas, mas os atos de rua de outubro mostraram o potencial de uma greve de massas. ■

GREVE GERAL:

estratégia de luta contra o Estado e o capitalismo

Em 1917 no Brasil, os trabalhadores paulistas organizados na Federação Operária de São Paulo (FOSP), no Comitê de Defesa Proletária e, nacionalmente, na Confederação Operária Brasileira, a COB, convocaram uma greve geral que entrou para a história do Brasil.

O movimento grevista começou com a reivindicação de aumento salarial dos operários das indústrias de tecido no mês de junho de 1917. No mês seguinte o Comitê de Defesa Proletária publicou uma pauta de reivindicações mais ampla, que incluía a luta contra a chamada carestia de vida, a adoção da jornada de trabalho de 8 horas por dia e a abolição do trabalho infantil. Unidos entorno dessa pauta de reivindicações, os trabalhadores de todas as indústrias, do comércio e dos transportes coletivos aderiram ao movimento. Durante três dias o Comitê de Defesa Proletária assumiu o controle da cidade de São Paulo. O governo abandonou a cidade e, no fim, é obrigado a negociar com os grevistas, atendendo suas reivindicações.

Depois da greve em São Paulo, trabalhadores de outras capitais também entraram em greve: Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Curitiba e Porto Alegre.

1. A atualidade da greve geral

Passados 96 anos da greve geral de 1917, em meio ao Levante Popular de junho de 2013, quando milhões de trabalhadores e estudantes tomaram as ruas de pratica-

mente todas as capitais do país e de diversas cidades, reivindicando a redução do preço da tarifa do transporte público, foi lançada pelas redes sociais, como um evento no facebook, um chamado para a realização de uma greve geral no dia 1º julho. Que de fato não aconteceu.

Diante da grande adesão ao evento "greve geral" no facebook, as centrais sindicais oficiais (CUT, Força Sindical, CTB, UGT, CGTB, NCST, CSP-Conlutas) iniciaram uma campanha com o objetivo de deslegitimar a iniciativa, sob o argumento de que só elas, as centrais sindicais oficiais, teriam a legitimidade de convocar uma greve geral.

Depois, essas mesmas centrais passaram a convocar um dia nacional de mobilizações e paralisações, marcado para o dia 11 de julho. A baixíssima adesão ao dito dia nacional de paralisações mostrou que de fato não era objetivo das centrais sindicais mobilizar os trabalhadores, mas sim mostrar seu controle sob os mesmos e contribuir para o fim das mobilizações de rua. Ao mesmo tempo foi uma tentativa de negar a própria estratégia da greve geral, uma vez que não a convocaram, pois o dia 11 de julho foi um dia nacional de paralisações, não uma greve geral.

Realmente, uma greve geral não pode ser o resultado de um evento marcado das redes sociais, mas sim o resultado da luta e articulação organizativa complexa a partir dos locais de trabalho. Quando diversas categoriais em luta, organizadas a partir da



Passeata em São Paulo durante greve geral de 1917

base, percebem que suas lutas não são isoladas, que suas reivindicações são, na verdade, reivindicações do conjunto da classe trabalhadora.

O evento do facebook "greve geral" mostrou que essa não é uma estratégia de luta esquecida pelos trabalhadores. E o dia 11 de julho mostrou que as centrais sindicais oficiais abandonaram a luta real da classe trabalhadora, e estão mais preocupados em manter suas burocracias sindicais e em defender o Governo Dilma. Assim, ficamos entre o desejo da juventude de realizar a greve geral e toda a estrutura organizativa que impede que ela aconteça.

2. Construir a greve geral contra o Estado e o Capital.

"É barricada, greve geral! Ação direta que derruba o Capital!". Essa foi uma das várias palavras de ordem cantadas durante o levante de junho e as demais manifestações que se estenderam até outubro. Trata-se da certeza

de que é necessário a construção de uma greve geral contra o Capital, isto é, contra a exploração burguesa e contra a opressão do Estado.

O caminho da construção da greve geral é o trabalho de base nos locais de trabalho, moradia e estudo. É a construção de pautas de reivindicações que atendam ao conjunto da classe trabalhadora. É a realização de assembleias conjuntas de diversas categoriais. É a convocação de atos conjuntos. Por fim, é a paralisação geral de todas as atividades de trabalho. É o levante do povo trabalhador contra o Estado e o Capital.

Outra palavra de ordem lançada pelas ruas captura todas as contradições do momento histórico: "Não Vai Ter Copa!" O melhor meio é começar seriamente a construção de uma Greve Geral. Mas essa iniciativa só pode ocorrer a partir das bases e contra a burocracia sindical. Uma greve geral que mostre o poder e vontade de luta dos trabalhadores. ■

Por isso conclamamos: Greve Geral contra a Copa em 2014! Não vai ter Copa!

O QUE É ANARQUISMO?

Desde junho de 2013 as TV's, Jornais e revistas vêm fazendo uma campanha de difamação. Acusam os trabalhadores, estudantes e a juventude de "vandalismo". Taxam os que estão nas ruas de criminosos. Mas entre estes um alvo tem sido priorizado: os anarquistas. Desde junho a revoluta popular cresce e com ela a perseguição aos anarquistas.

Nesta campanha estão juntos os grandes jornais e redes de televisão. O Governo Federal, Estadual e os Partidos de Direita (PSDB, PMDB e toda a corja restante). Também os ditos de "esquerda" (PT, PSOL, PSTU PCdoB). A Revista Veja (órgão de cábulnia e difamação oficial a serviço dos ricos e poderosos) fala: "Anarquistas: os organizadores do caos nas passeatas". O Jornal O GLOBO faz a campanha "PF investiga atuação de grupos anarquistas baseados no Rio". O PSTU (partido "de esquerda") abriu uma campanha desde junho contra os anarquistas, acusando os anarquistas de "vândalos" e depois atacando de todas as formas os "Black Bloc".

Não é por acaso que todos os partidos de esquerda e direita, a grande mídia e o Estado atacam os anarquistas. Mas não é porque os anarquistas realizam atos de violência. Ninguém é mais violento que a polícia, não só nas manifestações, mas nas praças, favelas e ruas e campos do Brasil. Nem porque os anarquistas levam o "caos" às ruas (os governantes e empreiteiros já fazem isso).

Eles combatem o anarquismo porque o anarquismo representa uma alternativa de luta e organização para todo o povo. O que é, então, o anarquismo?

A luta contra a exploração e dominação: as ideias anarquistas

"Anarquia é Ordem, Governo é Guerra Civil!" Essa ideia foi formulada pelo pensador anarquista francês Pierre-Joseph Proudhon. O pensador e revolucionário anarquista russo Mikhail Bakunin defende: "liberdade sem socialismo é privilégio e injustiça; socialismo sem liberdade é escravidão e brutalidade". Essas duas frases expressam as principais ideias do anarquismo. O anarquismo luta pelo socialismo, ou seja, pela igualdade, contra a pobreza e exploração.

O anarquismo quer acabar com as injus-

tiças sociais e econômicas. O anarquismo também luta pela liberdade dos trabalhadores e dos povos oprimidos pelas ditaduras e falsas democracias.

Os anarquistas levaram suas ideias à prática através de duas maneiras. Através das organizações de defesa dos trabalhadores (sociedades de resistência, cooperativas e sindicatos) e também através das organizações revolucionárias.

Nesse sentido, a igualdade era praticada na luta diária contra a pobreza, a exploração. Como? Reivindicando maiores salários, menores jornadas de trabalho e direitos iguais para homens e mulheres. Os anarquistas ajudaram a construir os sindicatos e organizações de luta dos trabalhadores em diversas partes do mundo. Na Europa, nos Estados Unidos da América, no Brasil e América Latina.



Na defesa da justiça e da igualdade os anarquistas lutaram contra bancos, empresas, indústrias que sempre exploraram os trabalhadores. Os anarquistas também defenderam a liberdade dos trabalhadores. Os ricos e poderosos sempre defenderam sua própria liberdade. Mas sempre que o povo luta, os ricos e poderosos suprimem a liberdade com autoritarismo e prisões.

Como acontece hoje no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, a polícia usa e abusa do poder. Mata à vontade. A liberdade de votar é uma piada. As milícias, a PM e as prisões e execuções sumárias mostram que não existe liberdade para o povo.

Ao mesmo tempo, há guerra nas favelas contra os pobres, e guerra nos campos. Uma

guerra de extermínio. Dezenas de indígenas e trabalhadores rurais são assassinados. Milhares de jovens pobres são executados pela polícia todos os anos. Existe uma guerra do Estado contra o povo.

Os anarquistas querem a Paz, e isso significa que é preciso Luta. Luta para desarmar os opressores, para impedir que sua violência fique impune. Assim os anarquistas lutaram e lutam contra Monarquias, Ditaduras e Governos autoritários, sempre indicando que os trabalhadores tem a capacidade política de governar a sociedade.

Lutam por paz, justiça e liberdade. E também lutaram e lutam pelo fim do capitalismo, construindo uma sociedade igualitária, sem exploração. Justiça e Liberdade, essas são as ideias que os anarquistas levam na prática na sua luta. Mas como os anarquistas agem?

A política dos anarquistas: ação direta, a greve geral e a revolução popular

Os anarquistas entendem que a sociedade é dividida em classes. Uma classe controla a riqueza e o poder, econômico e político. Essa classe dominante explora e oprime os trabalhadores. Essa classe controla o Estado, os bancos, a polícia, as prisões, o sistema de ensino. O único meio que a classe oprimida tem para manter seus direitos e interesses é sua luta e organização.

Por isso, os anarquistas entendem que essa classe oprimida (composta pelos trabalhadores do campo e da cidade, pelos pobres, negros e indígenas) deve lutar para defender seus direitos, pois nenhum Governo o fará. Essa visão de mundo é sintetizada no conceito de ação direta.

Ao contrário do que tem sido divulgado, e do que muitos pensam, ação direta não significa apenas "destruir ou confrontar" (é isso também, mas não só isso). Segundo um grande sindicalista revolucionário francês "A ação direta é uma noção de tal clareza, que é definida e explicada por sua própria declaração. Significa que a classe trabalhadora, na reação constante contra o meio ambiente atual, não espera nada de homens, ou poderes superiores a sua força, mas ele cria suas próprias condições de luta em si mesmo e

chama os seus meios de ação (...) A Ação Direta implica que a classe trabalhadora invoca noções de liberdade e autonomia, em vez de se dobrar ao princípio de autoridade, pivô do mundo moderno – e o democratismo sua última expressão – por meio do qual seres humanos, acorrentados por mil laços, tanto morais e materiais, são castrados de qualquer possibilidade de vontade e iniciativa”.

Quer dizer, a ação direta significa que os membros da classe dominada tomaram consciência que precisam agir; que não devem esperar sua libertação de líderes, Partidos ou Governos “salvadores”. Não esperam nada da farsa eleitoral “democrática”. Ação direta expressa que os trabalhadores saíram do estado de apatia e passaram a ação. E isso exige organização e estratégia, objetivos pelos quais lutar e métodos coletivos.

Já que não é através de governos, como conseguiremos as mudanças que queremos? A política da ação direta dos anarquistas é guiada por dois objetivos. Os objetivos imediatos de melhorias parciais das condições de vida, aqueles que podem ser conquistados dentro da sociedade capitalista. E o seu objetivo maior, que é a derrubada da sociedade capitalista e a construção de uma sociedade socialista, que depende de uma revolução e da tomada do poder pelo povo. É a Liberdade e Igualdade para todos os trabalhadores.

Quais são os objetivos que lutamos dentro da sociedade capitalista? Melhores salários, direitos iguais, distribuição de terra. Hoje defendemos o passe livre e o transporte coletivo, a educação e saúde pública, melhores condições de trabalho nas escolas para professores e estudantes. Este programa reivindicativo visa orientar a luta e organização e a criação do poder coletivo da classe oprimida. Por isso vamos às ruas, por isso atuamos nas lutas dos sindicatos e nas greves.

Como lutamos? Lutamos através de protestos, ocupações, passeatas. Mas o momento mais importante da política dos anarquistas é a greve geral. É quando os trabalhadores se lançam numa luta coletiva nacional para parar a produção e mostrar sua força. A greve geral exige um alto grau de organização. Ela eleva o nível e consciência. “A luta educa”, por isso a rua é a escola dos anarquistas.

A greve geral mostra a força da classe

dominada e dos trabalhadores. Ao mesmo tempo ela obriga os patrões e governos a ceder. Como aconteceu em 2013 em que os protestos forçaram a redução das passagens dos transportes coletivos com o levante popular. A greve geral potencializa ainda mais essa força popular.

A greve geral se opõe a estratégia de eleger deputados, vereadores, presidentes. Ao invés dos trabalhadores prepararem candidatos para eleições, os anarquistas entendem que eles devem investir suas energias nas greves e lutas. Significa que acreditamos que somente pelo poder popular, que somente apostamos no desenvolvimento da força coletiva dos oprimidos em luta contra o capitalismo e o Estado.

Mas os anarquistas não lutam apenas por conquistas para hoje. Não lutamos apenas por um programa reivindicativo. Lutamos por uma nova sociedade. Por isso entendemos que esse programa revolucionário exige o fim do Estado e do capitalismo. Nós queremos o autogoverno dos trabalhadores e dos oprimidos e o socialismo. Esse programa máximo defende para a sociedade revolucionária:

1) que todas as terras que hoje são concentradas nas mãos de empresas, nacionais e estrangeiras, serão distribuídas justamente entre os trabalhadores rurais e povos tradicionais;

2) todas as empresas estrangeiras e nacionais privadas (fábricas, bancos, serviços financeiros, hotéis) que exploram recursos naturais e atividades econômicas serão coletivizadas, não serão mais propriedade individual ou de corporações, pertencerão aos trabalhadores e não funcionarão só para dar lucro, mas para atender aos interesses públicos e sociais;

3) todas as instituições políticas e policiais (cartórios, bancos, prefeituras, câmaras legislativas serão destruídas e extintas), todas as dívidas de trabalhadores e pessoas pobres serão canceladas;

4) as prefeituras, câmaras de vereadores e o congresso nacional, antros de corrup-



Mikhail Bakunin (1814-1876), revolucionário russo que deu forma mais acabada ao anarquismo

ção, são extintos. O governo deixa de ser patrimônio dos ricos e poderosos e serão substituídos por Conselhos Populares, com representantes eleitos nas organizações populares para um Congresso do Povo. Os representantes eleitos deverão seguir as decisões dos conselhos de base; deverão receber um salário mínimo nacional e não terão privilégios especiais como acontece hoje.

5) Tomar todo o sistema educacional, de saúde, transporte e serviços públicos, acabando com o domínio do capital privado e garantindo que toda a população tenha acesso gratuito a esses serviços.

Esses são os principais pontos de nosso programa. Essa revolução é possível? Sim. Temos um longo caminho, mas o primeiro passo começa com a organização e a luta popular hoje. Os anarquistas acreditam então que o povo deve continuar lutando e aperfeiçoando sua organização.

Quando essa organização alcançar um nível superior, nacional, geral ele consegue realizar a revolução e coletivizar as terras, as indústrias, o sistema financeiro criando o seu autogoverno. Por isso o Estado, a mídia e os partidos mentem e acusam os anarquistas. Porque eles são uma ameaça a seus privilégios e seus crimes. ■

Todo o Poder ao Povo! Venceremos!

EM DEFESA DOS BLACK BLOCS: ampliar as táticas de resistência para toda classe

O cenário político atual apresenta uma série de elementos que nos servem de aprendizado, o povo mais uma vez saiu às ruas para construir seu próprio futuro. A velha burocracia partidária, eleitoreira, sindical, que por muito tempo amordaçou as lutas sociais, não conseguiu conter os milhares de trabalhadores e estudantes precarizados que foram as ruas protestar. Ao contrário do que muitos imaginavam, as jornadas de junho e julho reafirmaram uma grande verdade: que o povo brasileiro não é passivo, e que diante de muitos problemas sociais segue guerreiro combatendo as injustiças.

Dentro desse novo contexto e rearranjo social de grande efervescência política, algo que atraiu a atenção de vários setores da sociedade foi a tática de protestos urbanos conhecida como "Black Bloc". Essa tática surge em meados da década de 1980, no seio do movimento autonomista da Alemanha ocidental, que através da ação direta ocupavam terrenos onde seriam construídas usinas nucleares. O movimento antinuclear ao se opor profundamente as usinas nucleares foi duramente reprimido pelas forças policiais. A partir de então, diante a ofensiva das forças repressivas do Estado, os militantes se organizaram para defenderem-se e contra-atacar, e assim resistir em seus espaços de autonomia. Assim, surge a tática "Black Bloc", como aponta o sociólogo norte-americano



Black Blocs defendem pautas da classe trabalhadora e a integridade física dos manifestantes na linha de frente dos protestos

George Katsiaficas, em seu livro: "The Subversion of Politics – European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life".

No Brasil não foi diferente, a tática Black Bloc manteve sua principal característica: resistir à ofensiva do Estado capitalista, e defender as manifestações do terrorismo de Estado exercido cabalmente pela figura da polícia. Ao passo que cresciam as manifestações em junho, o número de encapuzados que lutavam ao lado do povo para defender as bandeiras de uma sociedade igualitária também aumentava. Hoje, com a diminuição da onda de protestos que sacudiu o país, alguns Estados, em especial

o Rio de Janeiro, segue com as chamadas incendiárias deixadas pela jornada de junho e julho.

No entanto, existe a necessidade de refletirmos sobre essa tática, justa e necessária que é o Black Bloc. Não é novidade nenhuma que a juventude por trás das máscaras, que ousam lutar, carregam consigo uma admirável disposição para enfrentar as mazelas que perpassam gerações. Todavia, a ação direta deve cada vez mais estar enraizada nas categorias de base da classe trabalhadora, para que ganhe em volume e qualidade. É necessário que todos militantes revolucionários, que visam a transformação radical da sociedade, nos organizemos por locais

de estudo, moradia e trabalho preparando nestes espaços as ações diretas de massas.

Precisamos ser capazes de organizar os setores que ainda estão desorganizados, derrubar as burocracias sindicais que ainda permanecem encasteladas e construir oposições que as derrotem, dar caráter de massa as greves, e assim, combiná-las com a ação direta e as frentes de defesa e resistência cujo Black Bloc tem um papel fundamental. Somente com organização avançaremos, de agora em diante é necessário intensificar a luta, com disciplina para que não sejamos engolidos pelo brutal aparelho repressivo contra o qual lutamos. ■

É BARRICADEIRA, GREVE GERAL, AÇÃO DIRETA É O QUE DERRUBA O CAPITAL!

RESGATE DOS CÃES BEAGLES: *uma ação anticapitalista*

No dia 18 de outubro um grupo de ativistas entrou no Instituto Royal, em São Roque, região de Sorocaba/SP, para libertar uma centena de cães da raça beagle usados em testes de medicamentos. Esta ação foi classificada pela empresa como ato de "terrorismo" e pela polícia como "furto e invasão".

Tal ação pode ser compreendida como uma política que tenta impedir que o sistema industrial capitalista tente transformar os animais em meras mercadorias. Os maus-tratos ocorrem em Laboratórios, mas também em empresas de produção de alimento (aves e porcos e gado). Os animais são frequentemente torturados e esfaqueados vivos, além de não terem uma vida natural. São transformados e tratados como meros objetos e mercadorias.

A ação de resgate dos beagles em São Paulo contou com a simpatia da população. E isso é fundamental. Isso porque esta ação pode ser parte de uma estratégia anticapitalista. De um lado, impedindo as empresas, laboratórios de torturar e massacrar os animais. Ao impedir isso, impedimos o



178 cães da raça beagle foram resgatados do Instituto Royal

funcionamento de uma parte da economia capitalista. De outro lado, essas empresas normalmente produzem alimentos e medicamentos e produtos estéticos que prejudicam a saúde humana. Não somente a dor dos animais e sua vida estão em risco pelo capitalismo, mas a própria sociedade.

Nesse sentido, o anarquista Bakunin nos dizia: "Esta ideia de irresponsabilidade moral dos animais é admitida por todos. Mas não condiz em todos os seus pontos com a verdade. Podemos nos assegurar disto através da experiência de todos os dias, em nossas relações com os animais domestica-

dos e adestrados. Nós os criamos não em vista de sua utilidade e de sua moralidade próprias, mas conforme aos nossos interesses e às nossas finalidades; nós os habituamos a dominar, a conter seus instintos, seus desejos, quer dizer, desenvolvemos neles uma força interior que não é outra coisa que a vontade. E quando agem contrariando aos hábitos que lhes queríamos dar, nós os castigamos; portanto, os consideramos, os tratamos como seres responsáveis, capazes de compreender que infringiram a lei que lhes impusemos, e os submetemos a uma espécie de jurisdição doméstica.

Nós os tratamos, em uma palavra, como o Bom Deus dos cristãos trata os homens - com esta diferença: que o fazemos para nossa utilidade e ele para sua glória; nós, para satisfazer nosso egoísmo, ele para contentar e alimentar sua infinita vaidade".

A ação de resgate dos beagles, particularmente, e a noção da relação humana com animais de outras espécies, do ponto de vista anarquista está associada a duas questões. De um lado, o combate ao capitalismo. De outro, a humanização do próprio homem que deve ver os animais não como mercadorias, mas como seres que sentem e pensam em determinado nível e vivem também em sociedade. Por isso é fundamental apoiar formas de luta contra os maus tratos aos animais! ■



SÍRIA:

guerra civil e intervenção imperialista

As disputas pelo controle do Norte da África e do chamado oriente médio se intensificaram nos últimos meses e trouxeram novos aspectos da disputa Moscou-Pequim e Bruxelas-Washington. A guerra civil na Síria ganhou contornos regionais e mundiais com ação das principais potências imperialistas (EUA, França, Alemanha, Inglaterra, Rússia e China) e de países semiperiféricos como a Turquia.

Depois de uma ameaça de intervenção direta na Síria pelo presidente estado-unidense Barack Obama (Partido Democrata), reprovada a priori pelo próprio parlamento, o governo Russo articulou um acordo de entrega de armas químicas sírias com a ONU, que tem gerados rodadas de negociação em Genebra, na Suíça. Assim, Putin reforçou a posição do eixo Moscou-Pequim contra a defesa da intervenção militar defendida pelos líderes europeus, encabeçados pelo socialista François Hollande e Angela Merkel, Obama e o governo Turco de Erdogan.

As disputas em curso estão dentro de um jogo de interesses políticos e econômicos dos países centrais e de potências regionais, como Turquia e Irã. A Rússia tem interesse fundamental na manutenção da base militar naval no porto sírio de Tartus. Além disso, há disputas energéticas em torno do fornecimento de gás para a Europa. O principal fornecedor de gás para a região é a Rússia que através do gaso-

duto Nord Stream, fornece 40% do gás da Alemanha e agora a construção do South Stream, que Moscou fornecerá gás à União Europeia, evitando a passagem pela Ucrânia. Com isso, a Rússia acabou com o projeto do gasoduto Nabucco que ligaria Ásia Central, passando pela Turquia até chegar a Europa. Por fim, há as disputas políticas pelo controle político do Norte África, Oriente Médio e Ásia Central. Neste sentido, que se insere a questão Síria.

Primeiro pela tentativa dos países Europeus e americanos em controlar a região ao gasoduto Árabe que liga o Egito a Turquia, passando pela Jordânia e Síria e abastecendo o Líbano, fortalecendo a posição Turca na Região e sua tentativa de influência na Ásia Central. Diminuindo assim, a dependência do Gás russo. Entretanto, a ação das potências ocidentais na Intervenção Líbia e a instabilidade criada entre os diversos grupos étnicos, criou fortes resistências internas, mesmo na classe dominante americana, e principalmente no governo de Putin, uma vez que a Rússia se absteve no conselho de segurança diante da proposta de invasão a Líbia.

Assim, a Guerra Civil Síria, detonada no calor dos



Região de Harasta, na capital síria, Damasco, destruída por ataque de forças leais a Bashar Assad

levantes da chamada primavera árabe, foi alçada a um problema regional e a disputa imperialista. A oposição síria está dividida entre grupos salafistas, jihadistas sunitas (Brigadas Liward al Tawhidi, Ahrar al Cham, Souqour al Cham) que formaram o conselho islâmico, os islâmicos moderados (Brigadas Al-Farouk), grupos curdos e o Exército Livre da Síria (coalização mais pró-ocidental) que formaram o Conselho Nacional Sírio. No início do ano foi formado o Comitê Nacional de Coordenação para Mudança Democrática que negocia com as potências ocidentais e com a Liga Árabe.

Com isso, a possibilidade de instabilidade política na Região com a caída do governo ditatorial de Bashar Al-Assad pode gerar problemas para a Israel, devido

a ação de grupos islâmicos fundamentalistas, e mesmo para o Irã, que procura estabelecer novas relações com as potências mundiais. Mas para China, Rússia, EUA e União Europeia surgiu a necessidade de manutenção do domínio político e econômico da região. O povo da Síria está nas mãos das potências do ocidente, da autocracia do Partido Baas Sírio e de setores islâmicos, militares e burgueses nacionais, com apoio de movimentos socialistas colaboracionista que compõem a oposição. Sem uma programa e estratégica e uma intervenção autônoma nestes eventos, os setores das classes dominantes manipularam e direcionaram o povo rumo a construção de outros governos cúmplices da exploração imperialista, seja pró EUA-União Europeia, seja pró Rússia-China. ■